

“Nenhuma criança queria ir embora”

**Entrevista com Angelina de Almeida,
portuguesa, irmã das Filhas da Caridade Canossiana em São Tomé.
Atendeu as crianças refugiadas do Biafra ¹**

Entrevista conducida por Xavier Muñoz-Torrent, geógrafo

Encontramo-nos com a irmã Angelina em São Tomé, no recolhimento da sede das Filhas da Caridade, na Cidade-capital, num edifício imaculado, atrás da Sé. Fico sentado em frente dela, na mesa do refeitório da comunidade. Ela expressa-se quase sem falar: tem uma mirada profunda, direta, esperta, que transmite a rudeza e a efetividade do dia a dia de trabalho duro e contínuo, de primeira linha, com comunidades necessitadas. É, ao mesmo tempo, um olhar doce e inquiridora, como quem requiere “que você está a fazer para um mundo melhor?”. Responde concisamente, guardando, entre afirmações, curtos silêncios enfáticos, como reverberando o sentido das suas palavras. Uma vida totalmente dedicada ao próximo; uma reserva de ética básica e atemporal que não acaba...



A irmã Angelina na sede das Filhas da Caridade Canossiana na Cidade de São Tomé. Agosto de 2011 (Foto: Xavier Muñoz)

¹ Entrevista feita no 30 de Agosto de 2011, e publicada no semanário *Correio da Semana*, de São Tomé, Novembro 2011.

Sou irmã das Filhas da Caridade Canossiana, uma congregação criada por Santa Madalena de Canossa, em Verona (Itália), para servir aos pobres. Nasci em Porto (Portugal). Já estou em São Tomé desde 1963; há, portanto, 48 anos. Eu fui uma das religiosas que atendeu às crianças refugiadas em São Tomé que vinham do Biafra. Na atualidade ainda trabalho no Centro de Dia de Ribeira Afonso, atendendo pessoas que precisam de muito carinho.

Como foi que chegou a São Tomé?

Em 1959 ingressei no Seminário na sede do Instituto das Filhas da Caridade Canossiana, em Roma. E de aí, quando acabei os estudos, fui destinada ao centro missionário de São Tomé. Cheguei em 1963. Nessa altura tinha 27 anos de idade... Já há muito tempo disso! Nessa altura, São Tomé ainda não tinha bispo próprio... Dedicávamo-nos (e nos dedicamos) à atenção dos mais necessitados: às crianças e aos doentes. Temos um jardim de infância, que serviu de primeiro centro de acolhimento das crianças biafrenses.

Como foi a chegada das crianças biafrenses?

Foram ao redor de duzentas crianças. Vinham desnutridas, às portas da morte. Eram todo ossos, esqueletos. As acomodamos onde foi possível, não apenas na Quinta de Santo António. Precisavam com urgência de atenção médica e de alimentação. As situamos no Jardim de infância e em salas de escola convertidas em dormitórios. Eram muitos. Inicialmente para dormir o faziam em simples esteiras no chão. Depois nos organizamos melhor. Nunca tinha visto crianças pequeninas tão desnutridas. Algumas nem conseguiam ficar de pé. Elas foram atendidas depois por educadoras vindas de Portugal e também por senhoras são-tomenses.

Lembra da ponte aérea de ajuda humanitária?

Caritas Internationalis foi quem orientava a operação, mas quem estava principalmente ao cargo da logística eram padres claretianos portugueses. Também havia padres doutras congregações que vinham com *Caritas*. Todas as ordens religiosas foram envolvidas no trabalho organizado por *Caritas*, tanto na administração dos materiais de ajuda como no atendimento das pobres crianças.

Conheceu ao padre Anthony Byrne e aos outros religiosos que tomaram conta da ajuda humanitária?

O padre Byrne era um homem muito dinâmico e muito exigente. Não podia ver uma criança sofrer. Era muito atento com as crianças,... Todo para as crianças! Tinha um coração grande e deu-nos muita boa impressão. Deu força e coragem aos outros. Havia mais padres, todos envolvidos nas tarefas de gestão da ajuda, nos armazéns que havia em toda a Cidade. Pessoas com muita força de vontade e vocação da ajuda ao necessitado.

Que sabiam vocês da Guerra do Biafra?

Pouca coisa. Não tínhamos muita informação e, da que nos chegava, achávamos que era muito exagerada. Não podíamos acreditar em todo. Era uma luta também da propaganda e não podíamos fazer-nos à idéia do que realmente estava a acontecer lá. Com a chegada das crianças fomos mais

conscientes do que estava a acontecer, e, com a constante saída de aviões com ajuda alimentar e medicamentos, a movimentação de pessoas na Cidade,... já podíamos imaginar a magnitude real do conflito. E nós estávamos tão perto... De fato, sabemos do que aconteceu na guerra mais agora do que nessa altura.

Como foi o trato às crianças?

Foi excelente, como tinha que ser. Com a ternura de uma mãe. Eles vinham desnutridos, às portas da morte. Os primeiros meses foram muito duros. Estavam a sofrer, tinham medo. Precisavam não apenas da nutrição e dos cuidados médicos, senão também de muito carinho. Tinham deixado às suas famílias no Biafra e não sabiam se as voltariam a ver. Para eles nós éramos nessa altura a sua família.

Quando a Guerra terminou, nenhuma criança queria ir embora. Os pequenos queriam ficar. Só que alguns dos mais velhos eram conscientes que tinham que voltar [de fato, era o acordado internacionalmente]. A despedida esteve carregada de muita emoção. Eles choravam, não queriam ir embora. Nós também choramos.

Que dificuldades tinham para atendê-los?

O primeiro ano foi muito duro. Eles apenas falavam as línguas do seu país. Alguns nem tão sequer o inglês. Não compreendíamos as crianças e temíamos não poder responder com certeza às doenças ou necessidades que eles tinham, ao que eles estavam a pedir. Nós não esperávamos refugiados e menos ainda crianças, portanto apareceram de surpresa, das mãos dos padres irlandeses. Mas nos organizamos rapidamente, com os meios que tínhamos ao nosso alcance. Ficamos muito preocupadas pela sua saúde, mas evoluíram todos muito bem, e pouco a pouco todos foram superando essa extrema desnutrição.

A alimentação não era muito abundante, mas os aviões tiveram que trazer de fora... Também foi utilizada para salvar essas crianças... e também para dar de comer às crianças de aqui.

Alguns voltaram a São Tomé?

Sim, alguns, com o tempo. Muito mais tarde, quando já estavam crescidos, já homens. Foi muito emotivo. Para mim foi uma grande alegria. Choramos. Com certeza, eles não podem esquecer-se desses dias vividos em São Tomé, numa ilha de paz perto de um continente convulso. Nós também não. Impossível.

Em São Tomé também havia membros de outras igrejas. Como foi a relação com eles?

Sim, tinha protestantes. Eles não aceitaram que nós interferíssemos nas suas coisas, nas suas celebrações religiosas. Por exemplo, se lhes ofereceu rezar conosco nas nossas igrejas, mas eles rejeitaram, e nós tínhamos que respeitar a sua decisão. Com tudo, eles estariam a fazer um bom trabalho na organização do aeroporto. Ao fim, a história fala disso, de um bom trabalho feito entre todos.

A Cidade viveu um momento de expansão nessa altura...

Sim, tinha um bocadinho mais de desenvolvimento. É natural que a movimentação de mercadorias e pessoas criara mais atividade. Mas era essencialmente por interesse. A maioria dessas pessoas estava lá por lucro. Os comerciantes que já lá estavam, portugueses, fizeram muito negócio. As lojas estavam cheias, de tal forma que as pessoas que vinham de fora, negociantes ou o pessoal do aeroporto, não podiam acreditar que estavam em África... O pessoal do aeroporto, os pilotos, também eram profissionais pagos. Apenas os religiosos e alguns voluntários trabalharam sem outra satisfação que salvar vidas e mitigar sofrimentos.

Um momento de oportunidade para alguns...

Eu me zangava, porque não havia humildade... Um interesse que também se transferia às vezes as pessoas contratadas para atender às crianças. Eu tenho um carácter forte e sempre estou a exigir toda a dedicação às pessoas que trabalhavam comigo. A misericórdia só de nome não tem sentido! Como podem dizer que esta é a Santa Casa da Misericórdia, se não estão a dar todo de sim para atender às pessoas. E aquele foi um período cru, com muito trabalho. Algumas dessas que tinham um título mesmo têm chegado a desapreciar-me. Apenas o título não basta: tens que fazer todo o possível para evitar o sofrimento, dar o melhor da tua profissão. E, além disso, eu gosto do que faço, e o que faço tem que ter toda a minha força e dedicação. A minha satisfação é o bom trabalho com as pessoas. E nesse tempo tínhamos muito trabalho, e agora também o temos. O trabalho nunca acaba...